

Hormônios como atuantes: leituras a partir da Teoria Ator-Rede

*Juliana Vieira Sampaio*¹

*Benedito Medrado*²

*Ricardo Pimentel Mélo*³

*Michael Machado*⁴

1. Introdução

O presente trabalho se refere à discussão sobre as contribuições da Teoria Ator-Rede (TAR) (LATOURET, 2009; LAW, 1992) para os estudos em Psicologia Social sobre corpo, biotecnologias e biopoder. Dessa forma, discutiremos inicialmente os pressupostos epistemológicos da TAR, seus principais conceitos, e posicionamentos metodológicos. Trataremos, também, do modo como a Teoria Ator-Rede compreende a prática de pesquisa, apontando para uma possível mudança dos estudos nos humanos e seus discursos, para o direcionamento de um olhar mais atento às redes de humanos e não-humanos.

Partindo de uma análise sobre a produção dos hormônios “sexuais” como importantes marcadores sexuais, apresentaremos um uso possível

1 Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco e Integrante do Gema/UFPE. julianavsampaio@hotmail.com.

2 Professor Doutor da pós-graduação de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco. Coordenador do Gema/UFPE. beneditomedrado@gmail.com

3 Professor Doutor de Psicologia da Universidade Federal do Ceará.

4 Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor Associado do Núcleo de Estudos em Saúde Pública da UFPI. Integrante do GEMA/UFPE. michael.mmachado@gmail.com.

da Teoria Ator-Rede nas pesquisas em Psicologia Social. A TAR se fundamenta a partir de uma epistemologia que propõe a desconstrução de dicotomias que marcam os estudos científicos da modernidade, separando objeto e sujeito, natural e social. Desse modo, as pesquisas que utilizam a TAR como ferramenta metodológica irão compreender que tanto natureza como sociedade são efeitos de redes heterogêneas, não havendo separação de antemão do mundo das coisas e o mundo dos humanos, mas atuantes⁵ híbridos, como os hormônios (FREIRE, 2006).

2. Teoria Ator-Rede

A Teoria Ator-Rede, ou antropologia simétrica⁶, começou a ser formulada pelo antropólogo francês, Bruno Latour, em parceria com Michel Callon e John Law, a partir dos seus estudos etnográficos em um laboratório de neuroendocrinologia, nos Estados Unidos, em 1997. Para desenvolver as suas pesquisas nos laboratórios Latour realizou uma interlocução com diferentes autores, como Michel Serres e seu conceito de circunstâncias, apontando que a prática científica é intimamente influenciada pelo seu contexto. A partir de Bourdieu, tomou a noção de credibilidade, já que, Latour discute como o investimento financeiro, o tempo e o status do pesquisador, permitem ou não o sucesso de determinado estudo. O conceito de rede que permeia a TAR foi inspirada na ideia de rizoma postulada por Deleuze e Guattari, que propõe pensar a rede como a relação de diferentes atores, humanos e não-humanos, na qual não há origem e estes elementos se articulam e compõem redes heterogêneas (FREIRE, 2006).

Partindo das noções e conceitos citados acima, Latour buscava em suas pesquisas etnográficas nos laboratórios, observar como se dava a produção do conhecimento nas ciências naturais e percebeu que os pressupostos da ciência moderna eram contraditórios com o processo da

5 “Bruno Latour (2001) usa o termo “actante”. Porém, neste texto, optamos pelo uso do termo “atuante”, por ser a palavra existente na língua portuguesa cujo uso produz o efeito que o autor buscou ao usar o termo na língua inglesa (actante)” (MEDRADO, SPINK, MÉLLO, 2014).

6 Nas suas análises acerca das práticas dos cientistas, Latour & Woolgar (1979) propõe uma extensão do princípio de assimetria de Bloor. O princípio da assimetria afirma que há uma continuidade radical entre o verdadeiro e o falso. Assim, não apenas o erro e o acerto deveriam ser simetricamente estudados, mas a natureza e a sociedade. Dessa forma, a proposta da TAR esforça-se por reelaborar a construção da natureza e da sociedade.

pesquisa, pois, mesmo nas ciências biomédicas, experimentais, como na neuroendocrinologia, a problemática política e social se faziam presentes na construção de informação.

Se a Ciência possui certeza, frieza, distanciamento, objetividade, isenção e necessidade, a Pesquisa parece apresentar todas as características opostas: ela é incerta, aberta, às voltas com problemas insignificantes como dinheiro, instrumentos e know-how, incapaz de distinguir até agora o quente do frio, o subjetivo do objetivo, o humano do não-humano. Se a Ciência prospera agindo como se fosse desvinculada do coletivo, a Pesquisa é vista antes como urna experimentação coletiva daquilo que humanos e não-humanos, juntos, podem suportar. (LATOURE, 1999, p.33).

Os estudos da TAR vão apontar que há na nossa forma de produzir conhecimento uma tentativa de cisão entre sociedade e natureza, que começa a se radicalizar na modernidade. Tal separação se apoiou no iluminismo, com a instituição das ciências naturais para se opor ao obscurantismo, dominação e fanatismos; e ao mesmo tempo para se opor ao cientificismo do polo natural foram utilizadas explicações sociais (LATOURE; 1992). Essa ontologia de purificação, fundada no século XVII, onde humanos são assunto da política, e não humanos da ciência, passa a ser impossível a partir da perspectiva analítica da TAR.

Operou-se, nessa forma dos modernos de entender o mundo, o que Whitehead chamou de “bifurcação da natureza” que ocorre quando aceitamos a premissa de que o mundo deve ser dividido em dois conjuntos de coisas: um composto pelo que está na natureza, matéria de que o universo é constituído, das coisas reais cujas qualidades primárias seriam independentes da existência de um observador; outro, composto por qualidades que nossos sentidos atribuem a estes elementos do mundo, sendo, portanto, qualidades secundárias. O primeiro conjunto seria passível de estudo pelas ciências, enquanto que o segundo seria a “matéria da qual nossos sonhos e valores são constituídos (LATOURE; WOOLGAR, 2002, p. 02).

A Teoria Ator-Rede defende que nunca chegamos na modernidade, não fazendo sentido o uso do termo moderno ou pós-moderno, já que o conhecimento não é simplesmente construído, envolvendo assim uma rede heterogênea de materiais, representações, financiamentos, pressões econômicas, disputas políticas, numa cadeia infundável de elementos. Nesse sentido, é realizada uma crítica tanto ao realismo como ao construcionismo. Para Latour (1991) “as coisas são reais como a natureza, narradas como o discurso e coletivas como a sociedade” (p. 15).

Os trabalhos dos autores que utilizam a TAR como instrumento de pesquisa tentam traçar detalhadamente quais as relações dos atuantes em rede e apresentam também como as questões sociais circundam a produção científica e necessariamente, fazem parte dela.

Bruno Latour (1997), posteriormente irá fazer uma crítica à teoria Ator-Rede, afirmando que existem quatro pontos nela que não funcionam muito bem, a palavra teoria, a palavra ator, a palavra rede e o hífen que liga as duas últimas palavras. Latour (1997) argumenta que não teve a intenção de criar uma teoria, mas sim, um método que teria como proposta seguir os efeitos dos atores em rede. O uso do termo ator é questionado, pelo risco de restringi-lo a atores humanos, já que, a proposta da TAR compreende como ator, tudo que age, que possui agência, que produz efeitos, com isso, para fugir de compreensões precipitadas o termo passou a ser substituído posteriormente por actante. A ideia de rede, também pode se confundir com a noção de rede de informação, como meio de comunicação, mas na TAR, a rede remete a noção de fluxo, interferência mútua, em constante transformação. O hífen é colocado em questão, na medida em que pode ser percebido como uma tentativa de ligar os polos ator e rede como se formassem o duplo indivíduo e sociedade; o que não condiz com a proposta da TAR, que propõe demarcar a relação entre as instâncias micro e macro (FREIRE, 2006).

A TAR irá apresentar como procedimento de pesquisa o olhar atento, principalmente aos efeitos dos encontros entre humanos e não-humanos. No caso específico da psicologia social, o foco de estudo será produzir controvérsias ao seguir os atuantes em uma rede. Neste sentido,

materialidade e socialidade são produzidos simultaneamente, ao analisar o social se observa a produção de materiais, assim como o inverso também ocorre; a produção do social pode ser percebida ao focar nos materiais. A dupla natureza e sociedade não é, dessa forma, compreendida como oposição, já que a natureza não existe a priori, nem a sociedade é a única que possui uma história passível de modificação.

3. Hormônios e Teoria Ator Rede

São múltiplos os possíveis usos da Teoria Ator-Rede no campo da psicologia social, para este trabalho, escolhemos os hormônios sexuais como recorte para ilustrar tal metodologia. A análise dos hormônios sexuais surge a partir de pesquisas anteriores com travestis e transexuais que administravam tais substâncias. O discurso a respeito da importância dos hormônios para produzir um corpo feminino é um elemento constante na fala de muitas mulheres⁷ transexuais⁸, essas substâncias são referidas como elementos “mágicos”, a “chave da felicidade”, pois fazem crescer seios, arredondar quadril, pernas e rosto, diminuir pelos, isto é, produzem marcas corporais que na nossa sociedade estão relacionadas ao campo da feminilidade (PELÚCIO, 2007; GALINDO; VILELA; MOURA, 2012; SAMPAIO, 2014).

Entretanto, as mudanças produzidas na materialidade do corpo não são as únicas a serem observadas pelas trans que fazem o uso de hormônio. As transformações físicas são, na mesma medida, tão importantes no processo de feminilização como a produção de uma subjetividade “mulher” como elemento bastante associado à administração de hormônio. Essa feminilização do “eu” possibilita que as trans passem a performar como “mulheres de verdade” (BUTLER, 2010). Nesse contexto, os hormônios tornam-se fábricas de subjetividade e afetos. Traços do humor que na nossa sociedade estão geralmente relacionados ao mundo feminino passam a ser relatados pelas trans como consequência da administração do hormônio,

7 Mesmo com exemplos de pesquisa restritos ao uso de hormônios por mulheres trans a proposta do presente trabalho é visibilizar a terapia hormonal para homens trans também.

8 Empregaremos os termos transexuais e trans para fazer referência aos sujeitos desta pesquisa mesmo compreendendo os limites do uso de categorias identitárias (BUTLER, 2010).

tais como, tensão pré-menstrual (TPM), choros, diminuição da libido, ficar mais romântica e sensível (SAMPAIO, 2014).

O uso dos hormônios por transexuais é, portanto, não só um instrumento estético, mas também um modo de gestão molecular do seu “eu” e da feminilidade. A anatomia e fisiologia permitiram a construção de saberes que explicam o funcionamento do corpo, e com isto, produziu uma maior cisão e diferenciação entre o que é corpo e o que é sujeito. O dualismo alma e corpo foi transformado em subjetividade e corpo. O corpo na nossa sociedade é o que individualiza, marca o limite entre as pessoas, é onde começa e acaba o indivíduo. As qualidades das pessoas são deduzidas a partir de suas marcas corporais: negro, branco, homem, mulher, deficiente, gordo, magro, alto, baixo. O corpo torna-se a descrição do sujeito.

Dessa forma, a urgência de transformar o corpo para as pessoas trans está atravessada pela premissa de que as marcas corporais são a expressão da sua interioridade, de quem são de verdade. Nessa lógica, ao modificar o corpo em sua aparência também é possível produzir transformações na sua interioridade, sua essência. O corpo nesse sentido passa a ser psicologizado, sendo a morada e a prisão do sujeito e da subjetividade. Conseqüentemente, esse corpo pode ser utilizado como instrumento para expressar a essência do indivíduo.

O uso de hormônios por transexuais tem a função de transformar e adequar um corpo que é “incoerente” com a “interioridade” destes sujeitos. A prescrição de terapia hormonal para transexuais é uma tentativa de readequação dos corpos à norma, pois, não é possível “viver” na ambigüidade. Todas as características das pessoas trans devem corresponder linearmente ao que se espera do padrão de mulher e homem instituídos, desde as moléculas presentes no seu sangue até o comportamento.

Podemos entender que, com a produção de novas tecnologias, os hormônios ganharam o status de produtor de gênero que vai se configurar não apenas como um efeito performativo de humanos, como aponta Butler (2010), mas passa a ser composto a partir dos arranjos entre materialidades orgânicas e inorgânicas (GALINDO; VILELA; MOURA, 2012). São injeções, comprimidos, adesivos, microcápsulas que em contato

com o corpo passam a produzir transformações e serem transformados em gênero.

Os hormônios ganham destaque em meio a uma diversidade de tecnologias na produção de corpos ditos masculinos e femininos, na medida em que o saber biomédico associa estas substâncias à menstruação, desenvolvimento da genitália e as ditas características sexuais secundárias como seios, barba, pelos pubianos etc. Tal saber passa a regular a presença e as taxas de hormônios, instituindo quem pode e como deve administrar esses compostos para construir corpos femininos. Desta forma, os hormônios adquirem um lugar importante na produção da subjetividade, orientando as ações dos sujeitos. Com isso, os comportamentos passam a serem definidos pelas substâncias que dominam o metabolismo do corpo.

A construção dos hormônios como substâncias sexuais, possibilita a sexualização e o controle dos corpos inclusive no nível molecular. Entendemos a partir dos pressupostos da Teoria Ator-Rede, que os hormônios não possuem propriedades estáveis e atributos inerentes, pois seus efeitos e descrições mudam. Tais propriedades farmacológicas são tecnologias que portam “materialidades, socialidades e estratégias de governamentalidade” (MENEGON, 2010, p.219). O hormônio na nossa sociedade tecnológica passa a ser instrumento central do governo e gerenciamento dos corpos, pois é um elemento que articulado com outras materialidades constrói corpos sexuados.

O modo clássico de pensar a performance é dizer que pessoas performam em torno de propriedades materiais. A nova abordagem performativa tenta compreender o papel de qualquer coisa na performance, pessoas e objetos. Então, a teoria ator-rede diz que humanos e não humanos performam juntos para produzir efeitos (LAW; SINGLETON, 2000 apud GALINDO; VILELA; MOURA, 2012, p. 171).

Partindo dessa lógica, entendemos que os hormônios como atuantes, pois não são apenas elementos sintéticos fabricados pelas indústrias farmacêuticas, mas a sua materialidade produz efeitos em consequência dos laços e encontros que estabelecem. Esses produtos não são fixos, mas adquirem

uma forma temporária, performando nas e por meio dessas relações. Nesse sentido, não negamos a materialidade dos hormônios e que estes produzem transformações corporais ao serem administrados, mas compreendemos que a leitura destas mudanças vai variar de acordo com as disputas de saber e poder presentes em determinado momento histórico e cultural. A testosterona e o estrogênio não são a masculinidade ou a feminilidade, estas categorias são mais políticas que biológicas. Nada pode afirmar que os efeitos produzidos por estes compostos são masculinos ou femininos.

Tal centralidade dos hormônios na produção do sexo/gênero tem uma história recente, pois até meados do século XVII não havia inclusive distinção anatômica entre os corpos ditos masculinos e femininos. O sexo feminino não “existia”; era apenas uma variação inferior do sexo masculino como apresenta Laqueur (2001). O corpo da mulher era visto como igual ao do homem, mas por falta de calor vital seus órgãos sexuais ficariam dentro do corpo. O modelo masculino era a medida para todas as coisas, desta forma, a anatomia e fisiologia também estavam subordinadas a esse padrão.

O modelo do sexo único masculino durou por muitos séculos. Uma das explicações é que, uma vez que os espaços público e político eram dominados por indivíduos do sexo masculino, então, todas as referências de corpo eram relativas aos homens. Ontologicamente, a mulher não existia como uma categoria (LAQUEUR, 2001). A hierarquia social era imposta de fora pela cultura, não precisando de um aparato biológico como base para justificar a sua ordem.

Apenas a partir do século XVIII é construído um modelo de dimorfismo sexual não apenas a partir da anatomia, mas sendo ampliado para a fisiologia e para a alma. O corpo ganha vida própria e o único modelo confiável de estudo para explicá-lo era a natureza. Separou-se, portanto, o corpo do espírito, e só assim foi possível a emergência do sexo biológico (LAQUEUR, 2001). Tais mudanças não foram provocadas simplesmente pela evolução natural das produções científicas, mas estavam intimamente relacionadas com as transformações políticas deste período.

Muitas lutas e revoluções pelo poder e posicionamento na esfera pública ocorreram nos séculos XVIII e XIX. O advento da modernidade

e do capitalismo fez as diferenças hierárquicas entre os gêneros serem questionadas. A permanência da subordinação da mulher ao homem não possuía mais justificativas plausíveis para continuar. Nesse momento, o corpo se tornou decisivo, não era mais possível reivindicar posição política, pois as divergências das relações sociais passaram a ser explicadas pela biologia. Até então, não era necessário recorrer à natureza para justificar a inferioridade da mulher no campo social, econômico, cultural e erótico. Mas, com a emergência de uma nova estética sexual pautada na verdade da diferenciação anatômica de homens e mulheres, ficava legitimada a permanência da hierarquia sexual na organização social (PRECIADO; 2008).

Relatar a construção do modelo binário de sexo não é uma recusa em perceber que o corpo possui materialidade, mas mostrar como esse corpo está inserido em uma rede de discursos, políticas, instituições que modificam a forma como determinadas marcas são “lidas”. O corpo, portanto, não possui uma natureza transcendental ou universal, mas é uma materialidade provisória, mutável. Ele está sujeito às mais diversas transformações produzidas por diferentes tecnologias: jurídica, política, cultural, médica etc. “O corpo é uma falsa evidência, não é um dado que existe *a priori*, mas um efeito de uma elaboração social e cultural” (LE BRETON, 2006, p. 26). Ele é plástico e relacional.

Segundo Oudshoorn (1994 apud MORAES, 1994), a ideia pré-científica do dualismo de gênero, tão presente em períodos anteriores continuou direcionando a produção e as descobertas científicas do início do século XX. Esse processo constante de busca pelo “sexo verdadeiro no corpo” visibiliza que a superfície deste possui uma permeabilidade que é regulada politicamente. Diferentes saberes são instituídos como verdade e utilizados para justificar o dimorfismo sexual e conseqüentemente a permanência de uma lógica hierárquica dos gêneros. A ciência que categoriza os sexos como naturalmente masculino ou feminino não é neutra, mas atravessada por diversos discursos.

A sexualização do corpo foi sendo cada vez mais ampliada, de um campo macro, pela visualização da genitália a um campo micro, no qual

as moléculas do corpo são classificadas em masculinas e femininas. Não se trata mais de uma disparidade de “grau” como no isomorfismo, mas de espécie. As mulheres são uma “espécie” completamente diferente dos homens, por mais parecidos que eles sejam. São distintos em sua anatomia, fisiologia, cromossomos, comportamentos, desejos etc. Os hormônios, os órgãos, os genes, o corpo como um todo é sexualizado, mas não é qualquer tipo de sexualização que o atravessa, é a partir de um modelo binário de sexo que ocorre esse processo.

A “descoberta” dos “hormônios sexuais” teve um papel fundamental para sustentar o binarismo de sexo. Esse movimento corresponde à passagem de um modelo biológico para um modelo bioquímico de entendimento do corpo humano (ROHDEN, 2000). Até o final do século XIX, era nítida a busca de um órgão que a explicasse e fundamentasse a diferença entre homens e mulheres, mas já nas primeiras décadas do século XX o desafio era entender como as substâncias produzidas pelas gônadas operavam neste processo de diferenciação. Se antes o ovário poderia ser visto como núcleo da feminilidade, assim como o testículo, da masculinidade, agora se tratava de descobrir o mecanismo de produção da feminilidade e da masculinidade (ROHDEN, 2000).

Foi nessa conjuntura de busca pelas causas últimas da relação entre sexo e gênero, substancializado em órgãos e posteriormente em secreções internas, que “descobriram” os chamados hormônios sexuais. Segundo Rohden (2000) desde meados da década de 1890 haviam trabalhos que procuravam demonstrar a existência e a importância dessas substâncias. Esse é um ponto importante, porque nesse contexto se deu a descoberta dos chamados hormônios sexuais e, desde então, prevalece uma relação estreita entre determinados tipos de substâncias (andrógenos e estrógenos) e determinados tipos de corpos (masculinos ou femininos).

Segundo Fausto-Sterling (2000) apenas entre os anos de 1900 e 1940 os cientistas criaram a categoria “hormônios sexuais”, que poderiam ter sido classificados de modo diferente, como hormônios do crescimento, por exemplo. Pois essas substâncias afetam o crescimento de diferentes partes do corpo, inclusive dos órgãos reprodutivos. Entretanto, ao categorizar

esses hormônios como sexuais passou-se a construir tais substâncias como importantes marcadores da diferença sexual. Com isso, tornou-se sexual algo que previamente era “neutro” em relação aos gêneros masculino e feminino.

Desde esse período até a década de 1920 predominou a noção de que os hormônios produzidos pelos ovários e pelos testículos seriam específicos, exclusivos de cada sexo e dotados de um papel único na determinação sexual. A presença de hormônios femininos só seria possível nas mulheres e determinaria as suas características sexuais, assim como os hormônios masculinos seriam exclusivos dos homens e determinariam as características masculinas. Contudo, a partir da década de 1920, as experiências realizadas com animais passaram a mostrar a presença dos dois tipos de hormônios em machos e fêmeas. Apesar das “nítidas evidências” científicas, não houve uma transformação imediata no campo. Os novos dados foram recebidos com muita resistência e incômodo, e somente uma década depois foi possível aceitar uma nova relação entre hormônios e sexo.

Na década de 1930, ainda eram descritas com espanto, experiências nas quais se detectava a presença de hormônios femininos em machos e, notadamente com menos importância, se descrevia a presença de hormônios masculinos em fêmeas (ROHDEN, 2000). Gradualmente, passou-se a demonstrar uma diferença quantitativa na presença dos hormônios típicos de machos e fêmeas. Embora os cientistas tivessem identificado a não exclusividade na origem e função dos hormônios, os ginecologistas, na clínica, continuaram promovendo um modelo dualista (ROHDEN, 2000). O que prevalece até os dias de hoje é a noção comum que, postula uma relação íntima entre determinados tipos de hormônios e determinados tipos de corpos.

4. Questões para debate

A Teoria Ator-Rede, a partir do princípio da simetria generalizada, propõe a introdução dos objetos, como os hormônios sexuais, por exemplo, no campo de investigação das ciências humanas. Os hormônios são materialidades inseparáveis da trama, que nomeamos como social, da qual fazem parte, pois a sua forma de produção, apropriação e difusão dizem muito da sociedade, na qual estão inseridos.

A história dos hormônios e a sua compreensão como importantes atuantes no processo de construção de corpos sexuados é reveladora para a visibilização de toda uma rede de ações desencadeadas em/por vários tipos de atores que não só os humanos, tais como os microscópios, jalecos, abatedouros, testículos, ovários, pesquisadores, revistas científicas, ginecologistas etc. A extensão dessa rede é imprevista e ilimitada, podendo ser detalhadamente descrita nos estudos que utilizam a Teoria Ator-Rede.

Podemos perceber que a noção de verdade também é colocada em questão pela Teoria Ator-Rede, que a compreende como uma ideia que, dependendo da relação com diferentes eventos, irá ou não ganhar tal status, conseqüentemente a verdade não é inerente a determinado conhecimento. A construção de determinadas substâncias como hormônios sexuais está envolvida com uma série de acontecimentos históricos que, a partir do século XVIII, passaram a buscar no corpo marcas da diferença sexual, com a finalidade de justificar a desigualdade social entre homens e mulheres.

O corpo trans, nesse caso, ganha importância por produzir e ser produto agenciamentos coletivos e de certas tecnologias de gênero que possibilitam a construção de novas formas de subjetivação. Essas pessoas, mesmo que não intencionalmente, produzem uma pirataria de gênero, pois, tais deslocamentos colocam em questão a natureza do sexo/gênero e a possibilidade de transitar sem regulação por diferentes formas de viver a sexualidade (GALINDO; MÉLLO, 2010).

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade.** (R. Aguiar, Trad.). 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2010.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Sexing the body.** New York: Perseus. 2000.

FREIRE, Leticia. Seguindo Latour: notas para uma antropologia simétrica. **Revista Comum**, Rio de Janeiro, v.11, n.26, p.46-65, jan/jun. 2006.

GALINDO, Dolores; MÉLLO, Ricardo. Piratarías de gênero: Experimentos estéticos queer-copyleft. *Psico*, Porto Alegre, n.2, pp 239-245, abr/jun, 2010.

GALINDO, Dolores; VILELA, Renata; MOURA, Morgana. Uma dose queer: performances tecnofarmacológicas no uso informal de hormônios entre travestis. In:

SOUZA, Leonardo, GALINDO, Dolores; BERTOLINE, Vera (Org.). **Gênero, corpo e ativismos**. Cuiabá, MT. UFMT, 2012.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo, gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2001.

LATOUR, Bruno. Onactor-network theory: a few clarifications. **Soziale Welt**, 47, n4 367, 369-381. 1997.

_____. Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches. Bauru, SP: EDUSC. 1999.

_____. **A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

_____. “Não congelarás a imagem”, ou: como desentender o debate ciência e religião. **MANA**, v. 10, n. 2, p. 349-376, 2004.

_____. **Jamais Fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: RelumeDumará. 2002.

LAW, John. Notes on the Theory of Actor-Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity. **Systems Practice**, v.5, n. 4, 1992. (Tradução de Fernando Manso). Disponível em: <<http://www.necso.ufrj.br>, 1992>. Acesso em: 15/06/2012.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2006.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane; MÉLLO, Ricardo. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK, Mary Jane; BRIGAGÃO, Jaqueline; NASCIMENTO, Vanda; CORDEIRO, Mariana (Org.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais: Rio de Janeiro. 2014

MENEGON, Vera. Tecnologias em saúde reprodutiva: implicações nos modos de ser contemporâneos. In: JOBIM, Solange; MORAIS, Márcia (Org.). **Tecnologias e modos de ser no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: 7 letras, 2010.

MORAES, Marcia. **Alianças para uma psicologia em ação: sobre a noção de rede**. Disponível em: www.necso.ufrj.Brasil/Ato2003/MarciaMoraes.htm, 2003

OUDSHOORN, Nelly. **Beyond the natural body: an archeology of sexhormones**. London: Routledge. 1994.

PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. Madri: Espanha Calpe. 2008.

ROHDEN, Fabíola. **Uma Ciência Da Diferença: Sexo, Contraceção e Natalidade na Medicina da Mulher**. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu. **Educação & Realidade**, 26 (1), 33-57. 2001.

SAMPAIO, Juliana. Viajando entre sereias: saúde de transexuais e travestis na cidade de Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.